

# Legado de Rosa

Marli Fantini\*

## Resumo

Este trabalho enfoca uma viagem ao sertão mineiro, realizada por um naturalista europeu, cuja meta é investigar potencialidades paleontológicas e topológicas de grutas e paisagens da região. Durante o percurso, o viajante acaba por confrontar-se com uma diversidade humana insuspeitada. Abrem-se trilhas, labirintos, passagens para várias temporalidades e geografias; ademais, nesse universo onde todos são estrangeiros uns aos outros, aflora paradoxalmente uma espécie de língua sagrada que parece nortear-se pelo princípio edênico de inteligibilidade universal, com iconicidade e virtualidades poético-musicais avizinhas ao ideal de língua pura a que aspiram tradutores, poesia e poetas. O “recado” do morro, metonímia de um alerta mais amplo, deixa-nos um legado e uma indagação. É isso que pretendemos examinar neste “Legado de Rosa”, baseado na novela “O recado do morro”, uma das sete que compõem o **Corpo de baile**, de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: “O recado do morro”; Legado; Viagem; Visão do paraíso; Canção migratória.

## DE VIAJANTES E VIAGENS

**M**al as primeiras naus atlânticas desembarcam em terras americanas, muitos navegantes e cronistas, atraídos pela exuberante paisagem do Novo Mundo, iniciam a difusão de inumeráveis versões e mitos acerca das portentosas paragens recém-descobertas. Tão irresistível fascínio elucidada, nalguma medida, a motivação de muitos navegadores ibéricos em relacionar sítios recém-inventariados às cartografias imaginárias do “Paraíso Terreal”. Dentre outras razões, por neles identificarem indícios da terra prometida, um paraíso perdido a vicejar em cores, aromas, flores; em abundância de águas, de pomos salútferos, quiçá de metais preciosos. E ademais porque tais figurações do paraíso se

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora do CNPq.

lhes afigura como um eficaz antídoto contra enfermidades e vícios a assolar, então, o Velho Continente. Assim sendo, não deixa de ser verossímil que logo se vislumbre, na *Terra Brasilis*, o florescimento de um simulacro do jardim do Éden.

Para teólogos da Idade Média, a geografia edênica já representava não apenas uma fantasia vagamente piedosa ou um mundo inacessível, incorpóreo e perdido no começo dos tempos, mas um cenário idílico e devoto disponível em algum sítio recôndito do “Novo Mundo”. (HOLANDA, 1994, x). E justamente situado sob o “círculo equinocial” – ponto do Extremo Oriente – onde, segundo crença de Cristóvão Colombo, o Sol se levantara no “Dia da Criação”. (HOLANDA, 1994, p. 32). Nas histórias das peregrinações de São Brandão à ilha de Paulo assoma um cenário paradisíaco, “uma réplica da fonte de Juventa, que aparece quase obrigatoriamente, nas descrições medievais do Paraíso Terrestre” (HOLANDA, 1994, p. 20). À guisa de ilustração, Holanda trata de uma versão bastante difundida, segundo a qual as águas de tal fonte manam do próprio Éden, “para ir jorrar de sítio não muito apartado dele, após percurso subterrâneo” (HOLANDA, 1994, p. 20). Geografia fantástica, jardins deleitosos, abundantes riquezas, jorro de águas aprazíveis e salutíferas, clima ameno constituiriam a tópica das “visões do paraíso”. Tais visões produziram, desde a Idade Média, desvairadas especulações, conferindo verossimilhança à crença de que “também a fonte de Juventa, constante apêndice do Paraíso Terreal, achasse algum meio de introduzir-se na geografia visionária do Novo Mundo” (HOLANDA, 1994, p. 20-21). Desse modo, desde o “achamento”, não faltaram idealizações e canonizações das paragens americanas, diante de cuja formosura e bondade “desaparecem ou se abrandam as mais temíveis moléstias”. Não raros foram os louvores dedicados à América Portuguesa, dentre os quais os de Brandônio a localizar – com base em razões astrológicas – o Paraíso Terreal na zona tórrida, precisamente “aonde cai grande parte deste Brasil” (HOLANDA, 1994, p. 286).

Consta que idealizações dessa natureza teriam influído no roteiro das viagens de Colombo, o qual acreditou que o panorama edênico seria finalmente descontinado a partir dos primeiros contatos dos conquistadores europeus com o Novo Continente. Não obstante mitos e fantasias, o autor de **Visão do paraíso** considera extraordinária a contribuição de portugueses e espanhóis para conhecimento de ilhas e continentes do Novo Mundo, sobretudo porque os cronistas que se ocuparam em descrevê-lo registraram-lhe aspectos inéditos de flora e fauna, a utilidade de suas drogas, com uma precisão quase científica. Em muito, tais cronistas, durante os séculos de conquista e colonização, foram revelando para a curiosidade mercantil dos europeus “a novidade de um mundo estranho e o bom proveito que dele se pode tirar” (HOLANDA, 1994, p. 230).

A **Carta de Caminha** é o primeiro e um dos mais eloqüentes documentos a

registrar as visões de esplendor, fertilidade e riqueza da terra recém-descoberta por Cabral. A ilusão de pujança, vitalidade e bem-aventurança, aparente e graciosamente oferecida pela *Terra Brasilis* ao conquistador europeu, choca-se com a imagem viciosa e decrépita do Velho Mundo, o que, em grande medida, contribui para a difusão e estereotipização da imagem paradisíaca atribuída ao Novo Mundo. Em sua carta a D. Manuel – rei português –, Pero Vaz de Caminha produz o primeiro documento histórico/literário acerca do Brasil, onde descreve uma paisagem proliferante e dadivosa em que “se plantando tudo dá”. Entrecruzando dois sentidos que, malgrado a polaridade, constituem ambos alicerces nucleares da expansão marítima portuguesa, o cronista elenca, dentre outras panacéias, as infinitas potencialidades e benesses desse “eldorado” caído do céu, nos dois argumentos subseqüentes, um de caráter mercantil e outro, religioso:

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d’agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á terra a que ele oficialmente designa como província de Santa Cruz, nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pousada para essa navegação de Calicute bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé! (CAMINHA, 1963, p. 22)

Zoólogo, botânico, geólogo, etnólogo, cronista, ou antes, historiador – conforme postula Cleonice Berardinelli –, Pero de Magalhães de Gândavo é autor da **História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil** (1576), “livro que inaugurou a historiografia e a geografia brasileiras” (BERARDINELLI, In: GÂNDAVO, 2004, p. 8). Apesar da competência múltipla, do rigoroso conhecimento de história e geografia, muitas vezes nosso primeiro historiador se deixa embalar pela mesma utopia visionária que seduziu tantos viajantes, antes e depois dele, como mostra esta passagem de seu livro: “Esta província de Santa Cruz, além de ser tão fértil quanto digo, e abastada de todos os mantimentos necessários para a vida do homem, é certo ser também mui rica, e haver nela muito ouro e pedraria, de que se têm grandes esperanças (GÂNDAVO, 2004, p. 173). O mesmo impulso apaixonado o leva a eleger, sob supostos parâmetros científicos, a primazia desta sobre as demais províncias americanas. Excelências dos ares, terrenos fertilíssimos, pomos saudáveis e deleitosos são qualidades da terra a lhe endossar os argumentos. Embora ingênuos, estes em muito elucidam a origem histórica daquelas quimeras que induziram viajantes e cronistas à ilusão de descortinar no Brasil o paraíso terreal:

O ser ela tão salutífera e livre de enfermidades procede dos ventos que geralmente cursam nela, os quais vêm do nordeste e do sul e, algumas vezes, do leste e do lésueste. E como todos estes procedam da parte do mar, vêm tão puros e coados que não somente não danam, mas recreiam e acrescentam a vida do homem. (GÂNDAVO, 2004, p. 49-50)

## ELOGIO DA TRAIÇÃO

À parte a inegável evidência da corrida do ouro que desencadeou posse, depredação e voraz extrativismo de recursos naturais da nossa terra prometida, o passar dos séculos cuidou de ir pouco a pouco pulverizando os inumeráveis mitos relativos à existência de eldorados, paraísos perdidos, voluptuosos ares, salutíferas águas, deleitosos pomos de semelhantes paragens. O que não faltou, nesse sentido, foram questionamentos, materializados em releituras críticas, paródias, farsas e farpas, a exemplo do poema “Gandavo”, onde Oswald de Andrade, abusando da ambigüidade, ironiza o visionarismo míope de nosso primeiro historiador, quando, no jogo entre título e versos do poema “Terra do ouro”, confronta a excessiva riqueza da terra conquistada com a pobreza dos habitantes dos reinos:

PAÍS DO OURO  
 Todos têm remédio de vida  
 E nenhum pobre anda pelas portas  
 A mendigar como nestes reinos.  
 (ANDRADE, 1990, p. 72)

Outro exemplo não menos relevante de tal questionamento é **Calabar**: o elogio da traição (HOLANDA; GUERRA, 1993), peça teatral de caráter visivelmente alegórico, que encena parte da história brasileira relativa às invasões holandesas em Pernambuco, no século XVII. Nessa peça, é evidente a alusão à conjuntura política da ditadura militar brasileira, que vigorava por ocasião de sua produção e primeira encenação. Não menos evidente é a interlocução da alegoria de Ruy Guerra e Chico Buarque de Holanda com a **Visão do paraíso**, cujo autor curiosamente é o pai deste último co-autor. Interagindo com a obra de Sérgio Buarque, **Calabar** é um exemplo eloqüente de desconstrução da imagem das grandezas brasileiras. A peça se abre com a voz em *off* do Frei Manuel do Salvador, que descreve as maravilhas e delícias da terra antes da chegada dos holandeses. O Frei traduz a perspectiva portuguesa de que a condição paradisíaca da colônia foi maculada por aqueles agentes “estrangeiros” do caos e da guerra: “Era o Brasil antes da chegada dos holandeses a mais deliciosa, próspera, abundante (...) a mais rica de quantas ultramarinhas o Reino de Portugal tem debaixo de sua coroa e cetro”

(HOLANDA; GUERRA, 1994, p. 2). Enfim, tal encenação equaciona a concepção do Novo Mundo difundida pela ideologia colonial portuguesa: “Tudo eram delícias... e não parecia esta terra senão um retrato do terreal paraíso” (HOLANDA; GUERRA, 1994, p. 2).

No final do século XVI, o padre jesuíta português Fernão Cardim, com certo orgulho, observava: “Este Brasil já é outro Portugal”. A canção intitulada “Fado tropical” de Calabar ironiza alegremente tal utopia colonizadora de transformar a terra conquistada em “um imenso Portugal”:

Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal  
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal  
Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal  
Ainda vai tornar-se um império colonial.

## MEDIR: DESLOCAR

Apoiada na afirmativa einsteiniana de que “não há ponto fixo no espaço”, a geometria de Virilio reexamina a supremacia de marcos, medidas, categorizações, visando demonstrar que mesmo os valores relacionados à exatidão podem ser relativizados (VIRILIO, 1995, p. 114). Segundo os cálculos virilianos, mesmo a mudança de posição de um agrimensor ou um geômetra, para tomar uma medida, já ocasiona deslocamento e defasagem do observador em relação ao observado. Portanto, medir é “deslocar, não somente deslocar-se para tomar as medidas, mas ainda deslocar o território em sua representação, sua redução geométrica ou cartográfica; deportar a realidade morfológica do território para uma configuração geodésica que possui apenas um valor relativo e momentâneo” (VIRILIO, 1995, p. 43).

A mobilidade dos cenários rosianos avizinha-se desse redimensionamento e, nesse sentido, sugere uma outra dimensão do habitar o mundo geopolítico e sociocultural. Isso posto, importa salientar a hipótese de que a pluralidade de focos de Guimarães Rosa – sertanejo, médico, diplomata de carreira, escritor – não deixa de ser fator decisivo no modo como sua literatura dramatiza toda uma diversidade de línguas e culturas e como seus territórios recorrentemente se dilatam em reconfigurações e direções movediças. Na novela “O recado do morro” (ROSA, 1969),<sup>1</sup> onde as palavras da terra, grito e canto territorial, desencadeiam “um acontecimento microscópico [que] estremece o equilíbrio do poder local” (DE-

<sup>1</sup> Doravante, as referências a esta novela serão feitas no corpo do texto sob a sigla RM, seguidas da respectiva numeração.

LEUZE; GUATTARI, 1995, p. 25), as vozes silenciadas de seres periféricos de uma terra sem mapas são despertadas, quando a territorialidade imóvel é afetada por um imprevisto deslocamento. Ou seja, a morfologia territorial se fratura e desloca durante a passagem de uma excursão científica liderada por Seo Alquiste/Olquiste, naturalista europeu em viagem de pesquisa no sertão mineiro.

Fazendo interface com a superfície, as camadas arqueológicas da terra em repouso revolvem-se sob a marcha da excursão, desencadeando a erupção quase vulcânica de toda uma história subterrânea, ocultada dos mapas da cultura e da geopolítica oficial. O estremecimento desentoca, de suas grotas, lapas e brenhais, proto-homens, trogloditas, fanáticos, marginais da razão, que se vão – de início isoladamente; e massivamente, quando menos se espera – incorporando aos viajantes e à viagem. O inesperado encontro intervém na viagem, obrigando a via previamente demarcada a se duplicar, desestabilizando os objetivos da excursão e redimensionando sua trajetória. Entretanto, se, de um lado, a colisão entre temporalidades, culturas e saberes diferenciados relativiza os objetivos da viagem, da reviravolta culminará paradoxalmente a minimização das diferenças entre as alteridades em confronto. Assim, ao ocasionar a irrupção de toda uma tradição arcaica recalcada, a excursão científica acaba inadvertidamente engendrando as bases territoriais para um mapa reticular, cujas linhas entrecruzantes rompem a unilateralidade do saber hegemônico para sancionar sua efetiva conexão com as subjetividades variantes do “pensamento selvagem”.

Uma das conseqüências desse reengendramento é a multiplicação prismática e vertiginosa dos pontos de vista, espécie de novo paradigma para as próximas viagens ao “Novo Mundo”. Sob tal vetor, o circuito do viajante rosiano se amplia até desembocar nos bosques da diversidade imagética, lingüística, cultural e no colapso do modelo etnocêntrico que subjaz à excursão científica. Com efeito, conquanto prevaleça de início a ótica meio arqueológica, meio cartográfica e quem sabe etnocêntrica do naturalista europeu, esta, ao modular-se progressiva e recursivamente com a de imprevistos atores culturais, passa a se orientar pelo imponderável dos paradoxos.

É curioso assinalar a sombra de Guimarães Rosa despontando dessa narrativa e dando visibilidade a sua própria experiência de viajante por inúmeras geografias e culturas. É por demais sabido que, depois de suas travessias pelo estrangeiro, Rosa retorna ao sertão mineiro, movido pelo desejo etnológico de anotar, fotografar, retratar singularidades que dizem respeito à diversidade das línguas, das culturas, e esse é um dos principais suportes de sua literatura. Pois bem, na novela em exame, assombra a sombra de Rosa que, sob a perspectiva estrangeira, examina o próprio como se fora outro. Seo Alquiste/Olquiste, a encarnar um dos papéis centrais na novela “O recado do morro”, faz, nesse sentido, interface não

apenas com Guimarães Rosa, mas também com muitos outros viajantes que se aventuraram por terras brasileiras. Como estes, o “alemão-rana” da novela empenha-se na pesquisa das “diferenças” da cultura local, das grutas, das pinturas rupestres e do “centro geodésico” da região, onde, numa escala imaginária, se ocultaria o paraíso terreal. Assim sendo, guiado pela ambição científica, o naturalista não poupa esforço no sentido de remapear esmiuçadamente cada trecho da região, cada água visível ou subterrânea, cada sítio arqueológico: “O louroça, seo Alquiste, parecia querer remedir cada palmo de lugar, ver apalpado as grutas, os sumidouros” (RM, p. 6).

Não faltam, na mistura da geografia local, com a bíblica, a mítica ou a imaginária, referências a pinturas rupestres, “nos rochedos, os bugres rabiscaram movidas figuras e letras” (RM, p. 7); ao dilúvio, com montes de ossos “de bichos que outros arrastavam para devorar ali, ou que massas d’água afogaram, quebrando-os contra as rochas, quando às manadas eles queriam fugir, se escondendo do Dilúvio” (RM, p. 8). De lá também mana uma espécie de “fonte de Juventa”, rebrotando sob a forma de um riachinho “desengulido” ou cruzando com outras águas, como os córregos subterrâneos que afluem a “um rio outro”:

Fim do campo, nas sarjetas entremontãs das bacias, um ribeirão de repente vem, desenrodilhado, ou o fiúme de um riachinho, e dá com o emparedamento, então cava um buraco e por ele se soverte, desaparecendo num emboque, que alguns ainda têm por nome gentio, de anhanhonhacanhuva. Vara, suterão, travessando para o outro sopé de morro, ora adiante, onde rebrota desengulido, a água já filtrada, num bilo-bilo fácil, logo se alisando branca e em leves laivos se azulando (...) mesmo córregos se afundam, no plão, sem razão, a não ser para poderem cruzar intactos por debaixo de rios (...) e depressa se afastam, seguindo por terem escolhido de afluir a um rio outro. (RM, p. 7)

À medida que salpicam índices como os já mencionados, vai-se elucidando um dos principais objetivos da viagem encenada na novela: a localização do centro geodésico da região, supostamente situado a 29° noroeste do Morro da Garça. Desde o início, a excursão se orienta pela “raia noroesteã”, seguindo serra acima, pelo “espigão divisor” (RM, p. 5): “De um ponto a um ponto, por brancas estradas calcáreas como por uma linha vã, numa linha geodésica” (RM, p. 13).<sup>2</sup> Posto que cifradas, as referências são como cacos arqueológicos salteados ao longo das estradas calcáreas, e, malgrado nunca se alcançar o morro, é como se

<sup>2</sup> Curiosamente, a linha geodésica é uma referência topológica a indicar o menor caminho entre dois pontos. Constituindo ademais uma parte da geometria que ensina medir terrenos ou figuras planas, dividir a terra e mesmo orientar-se, a geodésia é um sistema que possibilita ordenar o caos; abrange, em sentido amplo, as operações trigonométricas e astronômicas necessárias para medir o comprimento de um grau terrestre, ou para qualquer medição da terra (MORAES SILVA, 1891, p. 92. v. 2).

ele ocultasse um referencial dado, o tão ambicionado ponto equinocial, pressupostamente localizado no centro geodésico da região. Num incerto ponto do cenário palmilhado, o Gorgulho, portador surdo designado para difundir o “recaído do morro”, é quem paradoxalmente “se persignando e se rebenzendo, e apontando com o dedo no rumo magnético de vinte e nove graus nordeste”, desvela o ponto cifrado e sagrado que ninguém enxerga, embora todo o tempo rastreando-o e olhando em sua direção: “Lá – estava o Morro da Garça: solitário, escaleno e escuro feito uma pirâmide” (RM, p. 15).

Cabe naturalmente ao naturalista estrangeiro, contratador e chefe da excursão, liderá-la e definir-lhe o percurso. Contudo, à medida que novos atores culturais aderem informalmente ao grupo, desierarquiza-se a posição do chefe, minimizando-se a distância entre seu *status quo* e o dos “outros”. A partir de então, passa a imperar o caos, com a trajetória perdendo os parâmetros desejados. É importante frisar que, nos primeiros contatos, os “autóctones” não passam de objetos-alvo da curiosidade etnocêntrica do alemão-rana. Não muito diferentemente, artefatos exóticos, ossadas, lascas de rochas com pinturas rupestres, vegetação e aves raras cintilam seu alto valor museológico aos olhos do estrangeiro, cujo foco é captado pela recepção zombeteira dos matutos que mesclam o seu peculiar registro oral com alguns termos inerentes ao campo arqueológico:

Enxacoco e desaguisado nos usos, a tudo quanto enxergava dava um mesmo engraçado valor: fosse uma pedrinha, uma pedra, um cipó, uma terra de barranco, um passarinho à toa, uma moita de carapicho, um ninhol de vespos. (...) Nos rochedos, os bugres rabiscaram movidas figuras e letras, e sus se foram (...) E nas grutas se achavam ossadas, passadas de velhice, de bichos sem estatura de regra, assombração deles – o megatério, o tigre-de-dente-de-sabre, a protopantera, a monstra hiena espélea, o páleo-cão, o lobo espéleo, o urso-das-cavernas – e homenzarros, duns que não há mais. (...) [seu Olquiste] Tomava nota, escrevia na caderneta; a caso, tirava retratos. (RM, p. 7-8)

Com a crise da “autoridade”, desestabiliza-se o percurso e tanto a direção teológica quanto a razão museológica subjacentes à viagem pervertem-se, impondo-se-lhe sentidos e objetivos imprevistos. O conhecimento “primitivo” dos seres “grotescos” revela-se uma insuspeitada fonte de criação mitopoética, passando a objeto não de curiosidade científica, mas de bem-sucedida troca simbólica; os marcos se desmarcam; a linha reta – “a linha geodésica” determinante do percurso inicial – se espirala; a metrologia, ou “ciência da medida” é subvertida pela desmedida estética – de *esthesis*: gr. não medido (VIRILIO, 1995, p. 28) –, abrindo-se um não lugar, um “espaço sem lugares, tempo sem duração” (ALTHUSSER *apud* BHABHA, 1998, p. 202), em homologia com o espaço-tempo suspenso das cosmogonias, dos mitos de fundação.

## VIRTUALIDADES DO PENSAMENTO SELVAGEM

Ainda que existam dois modos distintos de pensamento científico, a diferença entre eles, afirma Lévy Strauss, reside menos na capacidade de produzir especulações ou resultados eficazes do que na utilização de meios diferenciados para sua obtenção. A ciência formal, por exemplo, dialoga não com a natureza pura, mas com um determinado estado de relação entre natureza e cultura. Em presença de dada tarefa, o cientista “deverá começar inventariando um conjunto predeterminado de conhecimentos teóricos e práticos e de meios técnicos que limitam as soluções possíveis” (STRAUSS, 1989, p. 31). Apesar de algumas limitações, o pensamento mítico, muitas vezes entendido como selvagem, é capaz de ordenar o caos e conceber uma ciência – que, em lugar de “primitiva”, Strauss prefere chamar de “primeira” e a cuja operação ele chama *bricolage*.

Por sua vez, o *bricoleur* “é alguém capaz de executar um trabalho usando meios e expedientes que denunciam a ausência de um plano preconcebido”, aproveitando, para tanto, resíduos ou sobras de demolições. Sua prática consiste em ele arranjar-se com os meios-limites, os meios à mão, em função do princípio de que “isso sempre pode servir” (STRAUSS, 1989, p. 33). Sendo também capaz de produzir uma ordem racional, o *bricoleur* se dota de procedimentos heteróclitos cujos resultados podem ser imprevistos e brilhantes.

Muito embora tanto o “homem de ciência” quanto o *bricoleur* estejam “à espreita de mensagens”, para este trata-se de mensagens pré-transmitidas que ele coleciona para enfrentar situações novas ou para empregar quando lhe for necessário. Por sua vez, o homem de ciência “antecipa sempre *a outra mensagem* que poderia ser arrancada a um interlocutor”. Não nos enganemos, alerta Strauss (1989), visto que com meios diferentes, “os dois andamentos são igualmente válidos” (p. 37).

No confronto inicial entre o estrangeiro e os nativos da novela rosiana, o contraste entre saberes e culturas em contato impõe-se como fator de exclusão, e o interesse daquele pela alteridade destes parece residir na intenção de tirar partido da diferença, de produzir bens de mercado, sejam materiais ou culturais, aparentemente em proveito de si próprio ou de seus museus. Um exemplo concreto desse fator se expressa na distinção hierárquica entre os seres periféricos da região e o grupo de “patrões” que integram a comitiva. Não obstante a cordialidade destes, a distinção salta aos olhos, sendo, deste modo, enunciada por Pedro Orósio, o guia do grupo e protagonista da novela: “Outros eram os outros, de bom trato que fossem: mas, pessoas instruídas, gente de mando. E um que vive de seu trabalho braçal não cabe todo avontade junto com estes, por eles pago” (RM, p. 10).

Outro exemplo desse contraste inicial pode ser balizado na curiosidade do alemão-rana em relação às diferenças “locais”, dentre as quais o *modus vivendi* do Gorgulho e de seu “irmão lapuz”, ambos habitantes de lapas (pequenas grutas). A indagação acerca da morada do Gorgulho – “queria saber como era a gruta, por fora e por dentro? Seria boa no tamanho, confortosa, com três cômodos” (RM, p. 18) – denota uma perspectiva auto-referente, formulada com base em paradigmas urbanos e sob a ótica etnocêntrica do viajante europeu. Por trás deste, percebe-se, em *over*, a intervenção do autor implícito a equacionar, antes com humor que com ressentimento, a má fé expressa por colonizador e catequizador europeu, ambos mobilizados pela cegueira antropológica e pela mal dissimulada intenção de tirar algum partido de nossa diferença, mão-de-obra e riquezas naturais.

É ele ainda (o autor implícito) que, empenhado em valorizar nossa alteridade, intervém no processo discursivo da novela para patentear as potencialidades criadoras do pensamento mitopóetico e do pensamento selvagem. Essa ocorrência é ilustrada pela inventividade do Catraz, irmão do Gorgulho: procedendo como um *bricoleur*, ele imagina invenções, como a de um “arioplãe” movido por urubus, com os quais ele divide sua lapa. Não deixa de ser curioso observar que a operacionalidade do objeto voador imaginado pelo “troglodita” se reveste da articulação de saberes tradicionalmente excludentes. Fabricado com “meios à mão”, o artefato mantém relação homológica com a corrida da tartaruga de Aquiles (motivada pela cenoura a sua frente), fazendo lúdico diálogo com a prestigiosa tradição metafísico-epistemológica que desemboca em Platão, como se pode verificar nesta passagem: “Carecia de pegar duas dúzias de urubus, prendia as juntas deles adiante; então, levantava um pedaço de carniça, na ponta duma vara desgraçada de comprida: os urubus voavam sempre atrás, em tal guisa, o trem subia viajando no ar...” (RM, p. 31).

## ESTRANGEIROS UNS AOS OUTROS

Aglomerados num mesmo território, atores socioculturais de diversa procedência se descobrem estrangeiros uns aos outros. Ao reproduzir a fala do guia do grupo, segundo o qual “Outros eram os outros” (RM, p. 10), o narrador da novela confere visibilidade à zona de tensões atravessada por heterogeneidades em curso. O esforço de ajustar a pronúncia do nome estrangeiro – Alquist, Alquiste, Olquist, Olquiste? – atesta o imperativo de que todos procedam como “tradutores” da opacidade que línguas e culturas guardam entre si nessa babel sertaneja.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Sobre opacidade das línguas, ver Benjamin, em “A tarefa do tradutor”, 1992.

A estranheza lingüística e cultural torna-se, contudo, o vetor para a procura de um máximo divisor comum.

Habitante de uma “urubuquara”, lapa entre barrancos e grotas compartilhada com urubus, o Gorgulho é, como seu irmão lapuz, um “troglodita” surdo e insciente da complexidade dos signos. Paradoxalmente, é ele o escolhido para transmitir o recado do morro, cujo teor e cujo destinatário lhe são desconhecidos. Originado por uma “outra voz” – a voz ctônica e testemunhal do morro – o recado é cifrado e, a princípio, ininteligível. No entanto, passando por uma cadeia fônica constituída dos arranjos significantes de vários habitantes da região – desvairados, loucos, trogloditas –, a mensagem é finalmente captada por um artista que a materializa em uma composição poética, uma “cantiga migradora”. Ao ouvir e entoar repetidas vezes a cantiga, Pedro Orósio, o guia da expedição, se reconhece enquanto o destinatário do recado – um alerta sobre a traição que culminaria em sua morte.

Numa carta em que responde à solicitação do Padre Boaventura Leite, pesquisador da gênese histórica e da tradição agro-pecuária da “Matriz do Morro da Garça”, Guimarães Rosa faz o seguinte comentário acerca do recado em questão:

Quem apreende o recado, inicialmente, é o troglodita e estrambótico Gorgulho. E no seguir dos dias, o “recado” do Morro vai sendo retransmitido, passado de um a outro ser receptivo – um imbecil (o Gualhacôco), um menino (o Joãzinho), um bobo da fazenda (o Guégue), um louco (o Nominatedômine), outro doido (o Coletor), até chegar a um artista, poeta, compositor (o Pulgapé). Sete elos, 7, número simbólico, como simbólicos são os nomes dos fazendeiros e fazendas percorridas pela comitiva. Cada um daqueles 7, involuntariamente vai enriquecendo e completando o recado, enquanto que aparentemente o deturpam. De cada vez que a retransmissão se faz, o Pedro está presente, e nada entende. Só dão importância àquilo os “pobres de espírito”, marginais da razão comum, entes inofensivos, simples criaturas de Deus. E, enfim, o artista, que, movido por intuição mais acesa, captura a informe e esdrúxula mensagem (...) e restituindo-lhe o oculto sentido: tudo serviu como gênese de uma canção. Então, sim, ouvindo essa canção, e, principalmente, repetindo-a cantando-a (...), é que Pedro entende o importante e vital significado da mesma. Recebe o aviso, fica repentinamente alertado, desperta e reage contra os traçoeiros camaradas, no último momento, conseguindo salvar-se. (LEITE, 1987, p. 175)

Com efeito, ao deslizar pelo circuito de várias vozes atonais, intraduzíveis e portanto irredutíveis umas às outras, o recado territorial resulta paradoxalmente num canto polifônico de alto valor poético e teor universal.

## A IMAGÉRIE DO VIAJANTE ESTRANGEIRO

Embora não se possa determinar com rigor uma hierarquia entre os motivos que regem a expedição científica, aparentemente eles expressam a meta de mape-

ar um certo percurso, bem como de rastrear os fundamentos de nossa pré e proto-história. Este último eixo se inclina, como já mencionamos, para a redescoberta dos sítios arqueológicos da região, “mais que tudo a Gruta de Maquiné – tão inesperada de grande, com seus sete salões encobertos, diversos, seus enfeites de tantas cores e tantos formatos de sonho, rebrilhando risos na luz” (RM, p. 11). Há ainda outro eixo apontando para a ambição científica de se fundar um marco. Desde o início da excursão, mesmo que nunca se alcance o morro, aponta-se para ele como se ele contivesse uma referência dada. Essa hipótese se confirma, dentre outros indícios, quando o Gorgulho aponta com o dedo o provável centro geodésico da região, “no rumo magnético de vinte e nove graus nordeste” (RM, p. 15).

Dessa forma, a deambulação do alemão-rana emblematiza, por semelhança e por diferença, os trajetos percorridos às escuras por naturalistas estrangeiros que, desde o período colonial, visitaram o Brasil, atraídos por nossa diversidade paisagística e cultural. Trata-se de uma recorrente empresa de redescoberta e remapeamento do país,<sup>4</sup> que irá culminar em fotografias e pinturas, bem como nos relatos de viagem e na cartografia brasileira. Nestes produtos, é possível reconhecer a *imagérie* exótica que, em grande medida, deveu seus fundamentos a esse olhar estrangeiro curiosamente lançado sobre nossa “alteridade”.

Levando consigo os aparatos básicos de um viajante-etnólogo – “câmera codaque”, “caderneta de notas”, “binóculo” –, seo Alquist/Olquist percorre os rastros arqueológicos de grotas e grutas da região antes palmilhada por Peter Lund, conhecido arqueólogo dinamarquês que pesquisou e catalogou, dentre outras, a Gruta de Maquiné, localizada em Cordisburgo, berço de Rosa. Num encontro anacrônico entre história e estória, a trajetória do cientista que atravessa a novela rosiana mescla-se com a viagem “real” de Lund, realizada no século passado. É, portanto, em similitude com palenteólogos, cronistas, naturalistas europeus, que o personagem de Rosa move-se pelo desejo de catalogar e recolher os comprovantes de nossa condição rupestre e paradisíaca.

Apropriando-se de todo um campo significativo implicado no sentido do viajar, dos viajantes e da viagem, Rosa explora, em sua novela, as virtualidades semânticas e sonoras não apenas no nome de Lund, mas também no caráter fundador das descobertas palenteológicas deste, para renomear o cenário discursivo por onde se desloca o naturalista estrangeiro. Trata-se da “Ludiana” ou da “Ludlândia” (o lúdico *land* de Lund), que, não obstante recenarizar a mesma geografia percorrida pelo cientista dinamarquês, destitui-se, sob o bem humorado toque do enunciador, de seus referenciais topológicos.

<sup>4</sup> Sobre a necessidade de fundar marcos e traçar mapas, como o paradigma dos relatos-de-viagem, ver Süsskind (1990, p. 61).

Além disso, ao redimensionar marcos e mapas, o escritor mineiro ironiza a postura cartográfica e ideológica desses viajantes europeus cuja visão etnocêntrica se manifesta no afã de transformar nosso caos em cultura, nossos totens em tabus, nossa atopia em topos demarcado. A partir de suas viagens ao Brasil e da literatura e da arte que delas resultaram, navegadores, cronistas, naturalistas, antropólogos, pintores estrangeiros como Debret, Rugendas, Eckhout, Caminha, Gândavo, Von Martius, Hans Staden, Jean de Léry, Saint-Hilaire, Von Langsdorff, Humboldt, Peter Lund, Lévy Strauss, contribuíram, embora muitas vezes inadvertidamente, para conferir ao imaginário brasileiro estereótipos sobre paisagem e comportamento, até hoje estigmatizados no exterior como selvagem, exótico, sensual, sincrético. Macumba para turistas.

Em similitude irônica com um certo olhar viajante, irrompem recorrentemente, na literatura de Guimarães Rosa, visitantes empenhados em recolher, catalogar e identificar comprovantes de nosso pensamento selvagem, de nossos exotismos, de nossa essência rupestre. Recusando o senso comum sobre “brasileirismos” e “brasilidades” e outros clichês relativos a essa esfera, Rosa se apropria da perspectiva estrangeira a partir da qual lança luz naqueles estranhamentos e idiosincrasias de natureza, língua e cultura para os quais normalmente não se costuma atentar. Os recortes são inumeráveis, a exemplo do alemão-rana que, no cenário de “O recado do morro”, visita a Gruta de Maquiné e seu entorno à procura de nossa pré e proto-história e acaba descobrindo natureza e pensamento em estado selvagem, propícios ambos a uma proveitosa fonte de pesquisa, criação, recreação... e música.

Durante a viagem desse estrangeiro, saído de uma ficção cenarizada no entorno de Cordisburgo e Morro da Garça, abrem-se fronteiras para várias geografias e temporalidades, afluindo, nesse universo onde todos são estrangeiros uns aos outros, uma espécie do ideal de traduzibilidade universal, uma língua pura, cuja iconicidade e cujas virtualidades poético-musicais aproximam-na da linguagem sagrada a que aspiram tradutores, poesia e poetas. O recado bramido pelo morro, metonímia de um recado mais amplo, deixa-nos, assim, um legado e uma indagação.

Ao representar “de viés” os trajetos relatados por pesquisadores europeus em suas viagens ao Brasil, a novela rosiana faz um provocante convite à revisitação da cartografia e da biblioteca brasileira, propondo equacionar a perspectiva iluminista e etnocêntrica que o olhar estrangeiro lança sobre a inquietadora estranheza de nosso pensamento selvagem. Ilustrando o tratamento sério-cômico atribuído à linearidade almejada pela racionalidade científica, a passagem a seguir descreve a desestabilização que o Guégué, um “bobo da fazenda”, impõe aos rumos da expedição:

A outros lugares, o Guégué não sabia ir. Errava o caminho sem erro, e se desnor-teava devagar. Levavam-no a qualquer parte, e recomendavam-lhe que prestasse atenção, então ele ia olhando os entressinados, forcejando por guardar de cór: onde tinha aquele burro pastando, mais adiante montes de bosta de vaca, um anú-branco chor-ró-chorró-cantando no ramo de cambarba, uma galinha ciscando com sua roda de pintinhos. Mas, quando retornava, dias depois, se perdia, xingava a mãe de todo o mundo – porque não achava mais burrinho pastador, nem trampa, nem pássaro, nem galinha e pintos. O Guégué era um homem sério, racional. (RM, p. 33)

Quando as referências “móveis” do “bobo da fazenda” passam a vigorar sobre os cálculos “geodésicos” do cientista europeu, a trajetória previamente traçada acaba sendo regida pela inexatidão e pelo desnor-teio. Cartografado em linhas de fuga, doravante o percurso se torna cada vez mais labiríntico, transformando-se numa livre arena carnavalesca onde o desbloqueamento de marcos fronteira-ros desencadeia a inter-relação de línguas, lugares e culturas, colocando em crise a hierarquia da racionalidade etnocêntrica e do pensamento científico.

## FRONTEIRAS EX-CÊNTRICAS

Imiscuindo-se na comitiva do estrangeiro, a exemplo da interferência do Gue-gue, seres ex-cêntricos da região contribuem para a desestabilização da trajetó-ria, que passa a se reger por direção e sentido imprevistos. O próprio Pedro Oró-sio, guia da expedição, é um enxadeiro que, não sendo do local e desconhecendo-lhe a topografia, não sabe guiar, e é, portanto, um dos responsáveis pela dissolu-ção do grupo e pela mudança dos objetivos da “viagem”, cujo percurso já é, desde seus primeiros avanços, vetorizado por referências móveis, como ilustra esta pas-sagem:

E seguiam, de um ponto a um ponto, por brancas estradas calcáreas, como por uma linha vã, uma linha geodésica. Mais ou menos como a gente vive. Lugares. Ali, o caminho esfolia em espiral uma laranja: ou é a trilha escalando contornadamente o morro, como um laço jogado em animal. (RM, p. 13)

A passagem da comitiva pelo local de uma cultura sem visibilidade sociocul-tural causa abalos sísmicos no morro. Evocando a memória de antigas erupções vulcânicas, irrompe, das entranhas do morro, um bramido que ressoa como uma revelação, um alerta ou um sopro criador. Segundo a tradição hermenêutica gre-ga, só é dado ao mensageiro – o *hermeneús*, intérprete por excelência – captar e difundir o sopro criador da natureza, por extensão a voz reveladora dos deuses (DERRIDA, 1991, p. 40).

Desafiando qualquer bom senso, a mensagem é apreendida pelo Gorgulho, um marginal da razão, incapaz *per se* de decifrar o sentido do recado: “H’hum...

Que é que o morro não tem preceito de estar gritando... Avisando as coisas (...) Morte à traição, foi o que ele Morro disse” (RM, p. 15). A não ser o “estrangeiro”, ninguém mais o compreende ou lhe dá ouvidos à fala truncada. É, portanto, este que procede como hermeneuta e apreende a importância da mensagem, a partir dos ruídos significantes dessa língua “sem as possibilidades”, cuja intraduzível estranheza seus próprios usuários se mostram incapazes de decifrar: “‘Hom ‘est’ diz xôiz’ important!’ – ele falou brumbrum. Só se pelo acalor de voz de Gorgulho ele pressentia” (RM, p. 22).

À medida, todavia, que vai sendo retransmitido pelo circuito dissonante e dialógico de sete “marginais da razão”, o recado, como um canto coral já desterritorializado, desemboca numa espécie de saga heterofônica para uma terra sem mapa. Pela arte de Laudelim Pulgapé, um bardo popular, o recado converte-se em uma “cantiga migradora”, que traz, no modo de intencionar de sua estrutura, os signos desencadeadores da transmissibilidade e traduzibilidade implicados no processo de preservação e difusão da tradição oral. Porque descolado das questões locais, além de apreender a importância do recado difundido pelo oráculo regional, o estrangeiro é, dentre todos quantos testemunharam o nascimento do canto territorial, o único a reconhecer-lhe, nas peculiaridades regionais, o parentesco com o ideal estético e sagrado de uma língua universal.

Comovido, ele [seo Alquist] pressentia que estava assistindo ao nascimento de uma dessas cantigas migradoras, que pousam no coração do povo: que as violas semeiam e os cegos vendem pelas estradas. – “Importante... Importante...” – afirmava o senhor Alquist, sisudo subitamente, desejando que lhe traduzissem o texto, *digestim ac districtim*, para o anotar. Sem apreender embora o inteiro sentido, de fora aquele pudera perceber o profundo do bafo, da força melodiã e do sobressalto que o verso transmuz da pedra das palavras (...) o senhor Alquist queria comentar muito, em inglês ou francês, ou mesmo em seus cacos de português, quando não se ajudando com termos em grego ou latim. – “Digno! Digno! Como na saga de Hrolf filho de Helgi” (...) Referia: – “Ah, está em *Saxo Grammaticus!*”. (RM, p. 64)

## RECADO DO MORRO, LEGADO DE ROSA

Qual é, afinal, o recado do morro? O que o morro manda dizer? Sob a forma de um “ritornelo” (DELEUZE; GUATTARI. 1988, p. 8-9), canto territorial para vozes polifônicas, o recado da novela é um simultâneo ponto de partida e caixa de ressonância de um alerta contra a letargia de um Brasil periférico à mercê de perspectivas colonizadoras, eurocêntricas. Causar abalo em camadas arqueológicas que ocultam histórias recalçadas, pôr em relevo e circulação vozes silenciadas pelo poder local, restaurar um sentido que ninguém mais é capaz de ouvir, este é o recado do morro, cujo grito irrompe das dobras do mapa oficial, quase sempre surdo ao apelo da diversidade de saberes, línguas, culturas.

Ao apontar nova possibilidade de metrologia e denunciar o desgaste da unilateralidade da perspectiva eurocêntrica, o recado de Rosa amplifica-se para ainda alertar que doravante a pluralidade de pontos de vista deverá levar em conta não apenas a diversidade de vozes e olhares, mas também as subjetividades variantes que concorrem para o redimensionamento e a inter-relação de fronteiras locais e universais. O maior beneficiário do legado rosiano é, paradoxalmente, o naturalista europeu, que, atingido pela via estética, parece disposto a abrir mão de seu credo etnocêntrico de fixidez identitária e territorial em favor de novos paradigmas móveis e relacionais.

A despeito de voltar a seu continente com as mãos vazias, o grande ganho do naturalista europeu parece ser o reconhecimento de novos bens simbólicos constituírem uma alternativa revitalizante à câmara mortuária dos seus museus. Sua travessia, pelo palco de tensões entre alteridades em errância, termina numa montanha mágica, em cujas fronteiras ambivalentes ele tem o privilégio de presenciar, como nos mitos, a cosmogênese de uma nova ordem social, estética e cultural. É relevante, nesse sentido, lembrar que, em sua entrevista a Günter Lorenz, Guimarães Rosa pronuncia este credo estético da revitalização operada pela América Latina sobre a Europa, o que sem dúvida equaciona as ladainhas etnocêntricas que tentaram e de certa forma ainda se vêem tentados em transformar o Brasil num imenso Portugal e nossa América numa ampla Península Ibérica:

A Europa é um pedaço de nós; somos sua neta adulta e pensamos com preocupação no destino, na enfermidade de nossa avó. Se a Europa morresse, com ela morreria um pedaço de nós. Seria triste, se em vez de vivermos juntos, tivéssemos de dizer uma oração fúnebre pela Europa. Estou firmemente convencido, e por isso estou aqui falando com você, de que no ano 2000 a literatura mundial estará orientada para a América Latina; o papel que um dia desempenharam Berlim, Paris, Madrid ou Roma, também Petersburgo ou Viena, será desempenhado pelo Rio, Bahia, Buenos Aires e México. O século do colonialismo terminou definitivamente. A América Latina inicia agora o seu futuro. Acredito que será um futuro muito interessante, e espero que seja um futuro humano. (LORENZ *apud* ROSA, 1994, p. 61)

Ao atravessar sentidos e paradigmas canonizados por uma tradição colonial exaurida, o viajante europeu oxigena sua perspectiva, garante um futuro não para o eurocentrismo, mas para uma etnografia de mão dupla, que doravante deverá levar em conta negociações bilaterais entre culturas de prestígio diferenciado. Fundados pelo eixo articulador de Rosa, seus novos paradigmas relacionais ressoam em outras vozes e, como o próprio escritor já prenunciara em sua entrevista de 1965, vêm engendrando novas alternativas estéticas e culturais para a Europa, a América Latina e outras américas.

## Abstract

This paper focuses on a trip to the *sertão* of Minas Gerais, carried out by a European naturalist whose target is to investigate palaeontological and topological potentialities of the region's caves and landscape. During the trip, the traveller ends up by confronting an unsuspected human diversity. Tracks and labyrinths are opened, providing a passage to various temporalities and geographies; besides, in a universe where everyone is a foreigner to everyone else, a kind of sacred language paradoxically emerges, apparently based on the Edenic principle of universal intelligibility, with icons as well as poetical and musical virtualities approaching the ideal of a pure language dreamt of by translators, poetry and poets. The 'message' from the hill, a metonymy of a wider warning, leaves us a legacy and a question. This is the scope of 'Rosa's legacy', based on the story "O recado do morro" ("The message from the hill"), one of the seven stories that make up Guimarães Rosa's *Corpo de baile*.

Key words: 'The message from the hill'; Legacy; Trip; Vision of paradise; Migratory song.

## Referências

- ANDRADE, Oswald. *Pau-Brasil*. 3. ed. São Paulo: Globo, 1990.
- BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. Tradução coletiva (Direção: Carlo Barck). Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BIZZARRI, Edoardo. *J. Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- BUARQUE, Chico; GUERRA, Ruy. *Calabar: o elogio da traição*. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 5v. Tradução Aurélio G. Neto e Célia P. Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. I.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Tradução Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *A primeira História do Brasil: História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. (HUE, Sheila Moura; MENE-GAZ, Ronaldo. *Modernização do texto original de 1576 e notas*). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LEITE, João Batista Boaventura. **Morro da Garça, no centenário da Paróquia e da Matriz.** Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica, 1987. p. 175.

ROSA, João Guimarães. Diálogo com Guimarães Rosa. **Guimarães Rosa: ficção completa.** 2v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas.** 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ROSA, João Guimarães. O recado do morro. **No Urubuquãquã, no Pinhém.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

STRAUSS, LÉVY. **O pensamento selvagem.** Tradução Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1989.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real.** Tradução Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.